

CRÔNICAS DO CORAÇÃO

Maria Hilda de J. Alão



AUTOR: Maria Hilda de J. Alão

TÍTULO DA OBRA: Crônicas do Coração

1ª edição - 2009

Santos – SP

Copyright © 2009

Todos os direitos reservados e protegidos por Lei
Nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

ÍNDICE

- 01 – Um Pássaro na Janela /6
- 02 – A Camisola de Neve / 8
- 03 – A Pedra / 11
- 04 – Pensa que está fazendo o quê? / 13
- 05 – O Menino do Baú / 15
- 06 – O Pum do Rei / 17
- 07 – Vencedor ou Invencível? / 19
- 08 – Somos Mortos-Vivos e Palhaços / 21
- 09 – O Marquês / 23
- 10 – Ruídos da minha rua / 28
- 11 – Conversa de Pássaros / 30
- 12 – A Ocasão faz o Ladrão / 32



UM PÁSSARO NA JANELA

Tem gente que tem flores na janela: gerânios, rosas ou violetas. Eu não. Eu tenho um pássaro na janela. Bonito, né? Ficção? Nada disso. É um fato real. Como ele chegou? Foi num dia triste de 2006. Eram 6 horas da manhã quando recebi a notícia. Minha melhor amiga havia partido desta vida. Muito abalada, sentei-me na cama, de frente para a janela, como um manequim humano parado na rua. Movimento em mim, só o das lágrimas rolando em silêncio. Na cabeça o filme passava velocemente. A faculdade, onde nos conhecemos; os 4 anos do curso de letras; os estudos em grupo e as representações teatrais que nos faziam sonhar. Ao final dos estudos, a turma se separou. Cada um seguiu seu caminho. A camaradagem dos bancos universitários foi interrompida. Conosco aconteceu o contrário. Continuamos a amizade.

Marido e filhos contribuíram para torná-la mais sólida. Todos os dias ela me telefonava. Foram muitos anos de um relacionamento sincero, até o fatídico dia do ano de 2006. Foi nesse dia que eu o vi pela primeira vez. Primeiro ouvi o canto. Abri os olhos e lá estava ele pousado na folha da janela

olhando para mim e cantando. Minha presença não o perturbou. O filme, na minha cabeça, parou. Eu só via e ouvia o passarinho na janela. O canto foi expondo a realidade a ponto de eu chorar alto e copiosamente para aliviar meu coração.

No dia do féretro aconteceu algo que me deixou intrigada. Eu estava no banheiro me preparando quando ouvi o canto do bichinho. Era como se ele estivesse dentro da casa.

Caminhei silenciosamente até a porta do quarto e lá estava ele pousado no rádio de cabeceira, que fica do meu lado da cama, cantando. Um arrepio percorreu meu corpo. Que pensar, meu Deus! Ele voltou no dia seguinte, e no outro, e no outro. Como ele é? É pequeno, tem as penas verdes, não o verde dos periquitos, mas um verde que sob a luz do sol fica prateado. Ele chega, pousa no parapeito da janela e, sem se importar comigo, ele canta. Canta muito e depois voa para as árvores da rua. Às vezes fico me perguntando: que será ele faz o dia inteiro? Onde dorme? Terá ele uma companheira? Que tipo de pássaro é? Não sei. Seria uma alma? Um anjo enviado para me consolar? O que eu sei é que ele é muito bonito e que ainda me visita, não tão frequente como em 2006.